

Aline Trindade

A LIBERDADE COMO POSSÍVEL CAMINHO PARA A FELICIDADE

Introdução

Existem várias maneiras e formas de se dizer sobre a felicidade. De quando você nasce até cerca dos dois anos de idade, essa noção de felicidade ainda não existe, pra você, pois se é ainda uma "caixinha vazia", sem "noção" do real e não-real, mas existe a satisfação. Por exemplo: quando um bebê chora é porque ele está com fome, então, com o amamentando, o choro irá passar, pois ele estará satisfeito. A partir desta idade pra cima que as pessoas irão "colocar coisas" na sua mente, ou melhor, irá te idealizar para que você possa começar a perceber a noção de "certo" e "errado", do "bem e do mal" e, finalmente, entre tudo que nos cerca. E a felicidade é um sentimento que, a partir do que nos foi ensinado, ela irá se manifestar. Então, a felicidade que temos quando criança é de ganhar ou possuir algo que nos é de um grande valor, pois de alguma forma este objeto foi idealizado para essa criança, por exemplo uma bicicleta, um carrinho de brinquedo e, mais moderno, um vídeo game de última geração. Assim, para a criança, quando ela passa a possuir esses tipos de objetos, para ela significa que foi uma grande conquista, passando a se dizer feliz. Agora, para um adolescente, por exemplo, quando ele passa a possuir aquele celular de última geração, aquela roupa que está na última moda, quando ele conquista aquela pessoa ou quando obtém a melhor nota do colégio, esses são uns dos fatores que podem ser considerado a grande felicidade para eles. Mas a partir daí ele vai começando a ter outra visão do mundo, ou seja, ele pode começar a largar as "modas" que foram impostas pelas sociedade. Depois as necessidades mudam e a felicidade muda também.

Esse ex- adolescente começa a ter obrigações, pois ele tem que trabalhar (muitos deles continuam estudando, mas agora na faculdade). Aí vem outro tipo de felicidade: a felicidade de se formar na faculdade ou de obter bens maiores, como casas e carros. Quando consegue atingir esses objetivos, sentem-se realizados; é como se fosse aquela felicidade de quando ele

ganhou sua primeira bicicleta. Depois dessa fase de sua vida, ele começa a exercer sua profissão (a escolhida na faculdade) e agora ele quer um companheiro para que outra pessoa também possa desfrutar dessa felicidade que ele conseguiu e está sentindo. Se casar é mais um motivo para que isso se chame de felicidade. Aí vêm os filhos, que é a próxima "fase da felicidade" e, por fim, a única e última felicidade que ele deseja: ver seus filhos se sentindo mais felizes ainda do que ele fora. Ele começa a trabalhar para seus filhos, portanto ele se "doa" inteiramente apenas para a felicidade deles. Esse é um exemplo de felicidade, mas não é a mesma para todos (como, por exemplo, pessoas que não querem ter filhos), pois cada um tem sua individualidade.

Mas será que uma pessoa pode ser feliz vendo outra sofrer? Essa pessoa pode ser considerada feliz? Sim, existem muitas pessoas nessa situação que se sentem felizes. Por exemplo: machucando outra pessoa, se cortando, fazendo "loucuras" e até mesmo se suicidando. Portanto, a felicidade para muitos não é só o comum, o que todos fazem. Essas pessoas têm uma outra visão para poder enxergar a felicidade.

Mostrar a relação entre felicidade e liberdade é o objetivo deste artigo. Foram usados textos filosóficos, tais como o texto de Sartre (1984) e o de Sêneca (1991), além de uma palestra do professor suíço Alain de Botton no DVD Filosofia para o Dia a dia (2007).

A liberdade como possível caminho para a felicidade

A felicidade é algo relativo, pois algo que para uma pessoa a deixa num estado de prazer, ou seja, a partir deste ponto que digo estar feliz, para outra pessoa pode ser que não. Por exemplo: uma pessoa sente-se feliz estando entre um grupo de filósofos debatendo algum assunto, enquanto para outra pessoa isso pode não ter nenhuma importância ou significado, pois ela se sente feliz com um grupo de amigos fazendo "rachas" de carros nas ruas, por exemplo.

Mas há um ponto que podemos chamar também de felicidade e que seja considerada igual para todos, que é a liberdade. Pois, como diz Epicuro, não seria possível encontrar a felicidade sem a liberdade. Mas será que a liberdade leva necessariamente à felicidade? Bom, todos nós precisamos da liberdade para podermos agir, pois o homem é definido pela sua ação, então ele precisa, necessariamente da liberdade. Mas nem sempre podemos considerar

que por ser livre (podendo agir pela própria escolha) serei necessariamente feliz. Por exemplo: Se um jovem precisa doar um de seus órgãos para um de seus pais. Como proceder? Se doar para um, o outro morre. Então, neste caso, se é livre para escolher para quem doar o órgão, mas este tipo de liberdade não leva necessariamente à felicidade, pois doando para um, estará automaticamente "matando" o outro.

Mas será que o homem realmente é livre para poder agir e, deste modo, realizar seus desejos e assim se dizer feliz? Com certeza sim, caso este desejo seja considerado "normal" para a sociedade. Por exemplo: ter o desejo de se formar numa faculdade. Isto para a sociedade é algo normal e possível de se realizar, pois há liberdade para poder ir e vir, estudar, obter livros, trabalhar e assim se formar. Portanto, não há nada impedindo este desejo de se realizar. Deste modo, a liberdade se torna algo fundamental para que os desejos se realizem e, por meio deste, dizer estar feliz.

Todavia, existe o outro lado da história, ou seja, quando os desejos não são considerados "normais" para a sociedade. Também podem ser realizados, mas terá uma consequência muito maior do que os que são considerados "normais". E se o desejo for, por exemplo, jogar uma pessoa de um prédio? Isto pode se realizar, mas suas consequências serão muito maiores. Pois a sociedade irá achar que isto é um crime e, deste modo, o indivíduo irá ser preso e irá responder pelos seus atos, ou seja, o "crime" cometido. Percebe-se como a liberdade está envolvida com as leis, pois de acordo com elas somos todos livres, mas apenas para se fazer o que é considerado correto ou normal pela sociedade.

Somos livres sim, pois só pelo fato de poder escolher isso já significa o ser livre. Por exemplo: Escolher a camisa azul ou a preta. Pode até parecer algo insignificante, mas é um ato de liberdade, pois se está escolhendo. Mesmo os atos considerados ilegais perante as leis podem também se realizar, mas haverá outros tipos de consequências. Segundo as leis, liberdade é segui-las. Mas por que terei que assumir as consequências? Porque do ponto de vista da sociedade isto é considerado "errado", "ilegal". Sem contar pelo fato de toda ação trazer consigo consequências.

Segundo o dicionário, a liberdade é a faculdade de cada um se decidir ou agir segundo a própria determinação. Mas por que as leis a limita? Por exemplo: um judeu na Alemanha nazista aparentemente não poderia ser livre, pois a sociedade o impedia disso. O homem se definia e ainda muitos se definem a partir das leis impostas para ele e, desse modo, a época é que irá determinar como ele é. Contudo, a sociedade tenta me determinar, mas apenas eu é quem irei decidir se irei seguir o que ela determina ou não. O querer individual é uma

liberdade, mas este querer irá fazer parte da sociedade, pois os sujeitos a formam. Por exemplo: se o meu desejo é ser médica, este desejo a princípio parece algo individual. Por um lado é, pois apenas eu é que pode decidir o que desejo ser, nesse caso profissionalmente. Por outro lado, minha ação vai fazer parte da sociedade na medida em que me relaciono com as pessoas. O indivíduo tem liberdade de escolher o que acha melhor para si. Isto é também ter liberdade, ser reconhecido pelos seus atos e escolhas e, por meio destes dizer estar feliz.

Para explicar essa liberdade do homem, basta o diferenciar dos objetos. Para todos os objetos a essência precede a existência. Por exemplo: antes de eu criar uma tesoura, eu vejo para que ela me será útil, no caso, a essência da tesoura é cortar. Portanto, a partir da essência (que eu já sei a essência da tesoura que será cortar) eu irei fabricá-la. Nos objetos, a essência precede a existência, ou seja, eu primeiro imagino um objeto, vejo no que ele me será útil (sua essência) e depois o crio. E o ser humano? Qual é sua essência? Primeiro imaginamos no que ele será útil (qual sua essência) para depois criá-lo? Não, o ser humano existe para que só assim saiba qual é sua essência, no caso, seu projeto. Uma corrente filosófica que fala sobre isso é o existencialismo.

O existencialismo diz que o homem é o que ele faz de si mesmo, pois constrói sua essência. Assim, o homem se constrói ao escolher. No entanto, por mais que a minha escolha seja individual, ela sempre estará envolvida com a humanidade. Por exemplo, se escolho ser dentista (que foi uma escolha individual) eu sempre estarei ajudando o próximo. Se escolho ser professor, por mais que seja uma decisão somente minha, estarei sempre ajudando e ensinando o próximo. O problema é que toda escolha traz sempre um pouco de angústia por não sabermos se essa escolha será a melhor possível. Por exemplo: escolher o brinco de cor prata ou de cor ouro? Os dois são lindos, mas apenas devo escolher um deles. Então tomo a decisão e escolho o de prata. Essa decisão que tomei trouxe um pouco de angústia. Isso é uma escolha simples e sua angústia não é tão grande. Mas existem escolha difíceis, como por exemplo ter que escolher para qual dos pais doar um órgão. Nesse caso, a angústia é grande e a escolha é difícil.

Considerações finais

No início deste trabalho, a intenção era mostrar que a liberdade levava, necessariamente, à felicidade. No entanto, após realizar a pesquisa, percebeu-se que realmente o ser humano é livre, mas isso não significa que ele seja feliz. Muitas escolhas trazem consigo a angústia. Essa angústia ajuda a escolher o melhor possível, mas deixa uma sensação de perda. Ao doar o órgão para minha mãe, tenho consciência de que meu pai vai morrer. Se eu não doar o órgão para nenhum dos dois, ambos morrem. Assim, mesmo que eu escolha não fazer nada, já estarei fazendo uma escolha, de acordo com a teoria existencialista de Sartre. Logo, tenho que refletir amplamente sobre minhas escolhas, pois elas irão trazer consequências.

Concluindo, liberdade e felicidade estão ligadas, mas nem sempre uma leva à outra.

REFERÊNCIAS

Livros:

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984

SÊNECA. A vida feliz. Campinas: Pontes, 1991.

Filmes:

BOTTON, Alain de. Epicuro e a felicidade In: Filosofia para o dia-a-dia. Editora Abril, 2007.